

libertadora. A oração de Jesus lhe dava forças para sair de si e ir ao encontro da multidão abatida "como ovelhas sem pastor". Ele, Filho de Deus, movido pelo Espírito Santo, vive e proclama uma espiritualidade trinitária e comunitária, que questiona toda visão materialista, intimista, individualista ou elitista, da teologia, da Igreja e da organização social.

Assim, o testemunho de comunhão eclesial hoje, sob a ação do Espírito Santo, passa por um esforço de toda a Igreja de evangelizar com "novo ardor missionário". Retoma-se, com entusiasmo, a missão de Jesus e dos apóstolos de proclamar a boa nova do Reino de Deus, de reavivar e confirmar tantos cristãos cuja fé e prática eclesial ficaram adormecidas nessas últimas décadas de explosão demográfica urbana. É salutar o esforço da Igreja em se propor a evangelizar a cidade. Hoje, procura-se conhecer melhor a grande cidade, com seus problemas e seus temores, e sabe-se que a evangelização tem que chegar também pelos meios de comunicação. A criatividade na descoberta de "novos métodos" são carismas que o Espírito vai suscitando.

As pastorais, expressas por meios de planos diocesanos e suas prioridades, são a pérola que fazem com que evangelizar não seja uma idéia abstrata. Importa estar com o povo onde os problemas emergem, onde a vida é ameaçada. As Comunidades Eclesiais de Base, presença da Igreja nos re-

cantos sofridos da cidade, são sementes de esperança brotadas, sem que se perceba, em solo fecundado pela força da Palavra e Eucaristia. É lá que se valorizam os leigos e seus ministérios. É lá que a opção pelos pobres, a luta pela justiça e transformação da sociedade, se fazem presentes, por meio da luta por moradia e reforma agrária, da solidariedade aos desempregados, das iniciativas de defesa da Vida, como a pastoral da Criança e Adolescente, a prevenção da mortalidade infantil; luta antiaborto, pastoral com as prostituídas(os), solidariedade aos portadores do HIV ...

Urge terminar o velho milênio com avanços na preservação da natureza. A questão da ecologia tem que ser primordial, urgente, na Campanha da Fraternidade de 1998, cujo tema é Educação. Ano eleitoral, como o que está transcorrendo, é ano de maior exercício da cidadania. O exercício do voto não chega a ser expressão de democracia se nele o povo é enganado. É hora de lembrar que um dos sinais do reino que Jesus realizou foi o de restituir a vista, libertando da cegueira. O evangelho de Lucas é inspirador de toda esta ação na medida em que aponta para a vinda do Reino e renova a esperança dos Pobres.

Pe. Pedro Luiz Stringhini é Mestre em Teologia Bíblica pelo Instituto Bíblico de Roma e professor de Sagrada Escritura na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos

Ensina o Concílio Ecumênico Vaticano II que o mistério da Igreja se encontra na sua relação com a Trindade, na comunhão mística com o Ressuscitado, no fato de ser uma realidade divino-humana. O mistério da Igreja se encontra também na sua própria origem¹. Alguns escritos do Novo Testamento focalizam os diversos aspectos do caráter místico da origem da Igreja. Para Paulo, a Igreja é uma criação contínua do Espírito. É Ele que nela suscita os diversos carismas, que mostram que ela é uma comunidade viva e capaz de comunicar a vida. O Espírito é o agente da comunhão eclesial, semelhante àquela que existe no corpo humano: uma comunhão na unidade e na diversidade². Para o autor do quarto evangelho, a Igreja nasceu do dom do Espírito feito por Jesus na cruz. Lucas, por sua vez, procura explicar a origem e a vida da Igreja por referência ao Espírito Santo, o qual constitui o elo de continuidade entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Este elo aparece até mesmo na relação entre o evangelho e o livro dos Atos. Ambos formam uma única obra não só materialmente, mas também teologi-

camente. No evangelho, Lucas narra o tempo de Jesus. No livro dos Atos, o tempo da Igreja. As mesmas pessoas que estão presentes no tempo de Jesus - sua mãe, seus irmãos, as mulheres, sobretudo, os Doze - estão presentes também no tempo da Igreja, narrado nos Atos. Isto significa que a Igreja jamais pode ser separada da pessoa e do seguimento de Jesus. Jesus e sua Palavra são o ponto de referência para a Igreja em todos os tempos. Ainda mais, Lucas mostra, no livro dos Atos, que o Espírito Santo, de certo modo, realiza, na Igreja, as mesmas coisas que realizou em Jesus. Assim como o Espírito atuou no início da origem temporal de Jesus (Encarnação), ele atua também na origem da Igreja (Pentecostes). Na teologia de Lucas, a Igreja nasce em três tempos. O primeiro momento do nascimento da Igreja é a atividade evangelizadora de Jesus e dos apóstolos. Ao instituir os Doze (réplica do antigo Israel, o povo formado por doze tribos), ele estava formando o núcleo do novo Povo de Deus. A origem da Igreja está ligada também à experiência pascal. A fé na ressurreição confere à comunidade dos discípulos de

¹ 2Cor 13,13.

² Cf. LG n.1

Jesus uma nova identidade com relação ao antigo Israel. Porém, na teologia de Lucas, a Igreja só assume a sua configuração completa e definitiva no dia de Pentecostes. Nesse dia, ela se torna movimento missionário. A Igreja, que acaba de nascer em Pentecostes, já é Igreja universal. É esta Igreja, tornada universal pelo dom do Espírito, que será levada a cada povo, a cada cultura, a cada lugar da terra.

O mesmo Espírito que atuou no batismo de Jesus, no início do seu ministério, agora está presente no batismo da Igreja, quando ela inicia a sua caminhada missionária em direção de todas as nações: "João batizava com água; vós, porém, sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias"³. "...o Espírito Santo descera sobre vós e dele recebereis força. Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra"⁴. Em Pentecostes, a Igreja participa da mesma unção do Espírito realizada em Jesus no seu batismo. Jesus foi ungido pelo Espírito para evangelizar os pobres⁵. Em Pentecostes, a Igreja participa dessa unção para

evangelizar os povos. E assim como o Espírito Santo esteve presente em toda atividade evangelizadora de Jesus, narrada pelo evangelho, do mesmo modo, ele está presente em toda a atividade evangelizadora da Igreja, narrada pelo livro dos Atos. Para Lucas, os pentecostes se sucedem na vida da Igreja. Ele narra quatro pentecostes sucessivos⁶. O que aconteceu no primeiro pentecostes, de certo modo, se repete nos outros.

O Espírito está de tal modo presente na Igreja que quando Paulo e Barnabé são enviados para pregar é o próprio Espírito que os envia⁷. Quando a Igreja decide, é o próprio Espírito quem decide. O concílio dos Apóstolos, em Jerusalém, se conclui com as seguintes palavras: "... Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor outro jugo além destes..."⁸. O Espírito Santo de tal modo está presente na Igreja que mentir à Igreja, como fizeram Ananias e Safira, é mentir ao Espírito Santo⁹. Para o exercício dos primeiros ministérios, criados pelos apóstolos, a condição fundamental, exigida, é que os candidatos sejam homens cheios do Espírito Santo¹⁰.

A missão do Espírito é fazer com que a Igreja não fique parada, mas caminhe. O Espírito caminha com a Igreja e também caminha à sua frente, pois ele é o primeiro missionário. Chega antes de todos os outros para preparar o terreno, como demonstra o episódio ocorrido na casa de Cornélio¹¹. Essa família gentia recebe o dom do Espírito, mesmo antes de ingressar na Igreja.

O Espírito Santo está presente não só nos momentos em que a Igreja deve dar grandes passos, como aconteceu no próprio dia de pentecostes, na abertura da Igreja ao ingresso dos gentios, no concílio dos apóstolos, em Jerusalém. Ele está presente, também, na vida cotidiana da Igreja. É ele, na realidade, que faz a Igreja agir, sem jamais substituí-la. "Ele é visto agindo no próprio curso da história, uma história feita de todas as fraquezas dos homens, de todos os imponderáveis, de tudo o que ela tem de imprevisível, mas em cujo interior o Espírito age e age eficazmente, mesmo se o fiel não consegue reconhecê-lo senão no fim de um longo itinerário"¹².

De nenhum modo, o Espírito torna a vida da Igreja cômoda e fácil. Não a preserva das incertezas, dos conflitos,

dos sofrimentos. Um exemplo bem claro disso tudo é a missão do apóstolo Paulo. Seu ministério é desenvolvido na força do Espírito. Aos tessalonicenses, escreve ele: "...o nosso evangelho vos foi pregado não somente com palavras, mas com grande eficácia no Espírito Santo e com toda a convicção"¹³. E, na primeira carta aos coríntios, acrescenta: "Estive entre vós cheio de fraqueza, receio e temor; minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder"¹⁴. Enviado pelo Espírito para pregar o evangelho, o Apóstolo experimenta, constantemente, prisões e tribulações. É ele mesmo quem o afirma numa passagem do livro dos Atos: "E agora eis que, acorrentado pelo Espírito, vou a Jerusalém sem saber o que lá me sucederá, senão que, de cidade em cidade, o Espírito Santo me atesta que me aguardam cadeias e tribulações"¹⁵.

Estêvão era um homem cheio do Espírito¹⁶. Não foi porém liberto da perseguição e da morte. Assim, o Espírito não preserva a Igreja das

³ Cf. ICor 12,12-30.

⁴ At 1,5.

⁵ At 1,8.

⁶ Cf. Lc 4,18.

⁷ Cf. At 2,1-12; 4,23-31; 10,44-48; 19,1-7.

⁸ Cf. At 13,2.

⁹ At 15,28.

¹⁰ Cf. At 5,3.

¹¹ Cf. At 6,5

¹² Cf. At 10, 44-48

¹³ VV.AA. *Uma leitura do livro dos Atos*. Paulinas, São Paulo 1983, 105

¹⁴ ITs 1,5

¹⁵ At 20, 22

¹⁶ Cf. At 7, 54

dúvidas, das incertezas, dos conflitos, das divisões, das fraquezas, do sofrimento. Tudo isso pertence ao cotidiano da Igreja retratada no livro dos Atos. Mas o Espírito dá força para enfrentá-lo e superá-lo e cumprir a missão que Cristo lhe confiou. Longe de ser uma Igreja utopicamente idealizada, ela é uma Igreja imersa na história humana com todos os seus conflitos e provações, mas sempre

sustentada pela presença invisível do Espírito, a força que ela recebeu do Alto.

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos é professor de Teologia Sistemática e Vice-diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção para os cursos de pós-graduação.

O ESPÍRITO SANTO E O CORPO NA LITURGIA

Pe. Dr. Gregório Lutz cssp

1. INTRODUÇÃO

A obra da salvação do gênero humano, operada principalmente pela páscoa do Senhor Jesus, é levada a efeito sobretudo na liturgia, enquanto nela acontece um verdadeiro encontro vital entre Deus e nós.

Dizendo “nós”, estou pensando no ser humano como uma unidade de corpo e alma, ou corpo e espírito. Também Jesus compartilhou desta concepção de homem e de mulher, herdada do Antigo Testamento. Quando os hebreus falaram em “*nephesh*”, que nós traduzimos geralmente por “alma”, eles pensaram na vida num corpo ou o indivíduo vivo. Eles nunca teriam dito que temos *nephesh*, mas que somos *nephesh*. “*Ruach*”, que nós traduzimos por “vento, sopro, hálito, espírito”, não exprime para os hebreus o contrário de carne dentro do ser humano, mas a relação dinâmica entre Deus e nós; é o ser humano enquanto ele vive debaixo da conduta de Deus. “*Basar*” tem primeiro o significado de carne em contra-posição a osso; mas também este conceito não indica algo que o ser humano tem e, sim, algo que ele é; significa a pessoa toda enquanto ela, como ser humano, está diante de Deus, em comunhão com e como membro de toda a família humana.

Sabemos que Jesus fala da alma no mesmo sentido que ele aprendeu do seu povo. Quando ele, por exemplo, diz “Quem quer salvar *sua alma*, a perderá” (Mc 8, 35), ele quer dizer, e assim nós o traduzimos normalmente: “Quem quer salvar *sua vida*, a perderá”. Paulo, quando fala em carne e espírito, ou também em corpo, do mesmo modo, não pensa em partes do ser humano, mas fala da pessoa toda sob determinados aspectos. Assim, carne significa a pessoa humana em sua limitação e fraqueza, ao passo que, por espírito, ele entende o poder do Espírito de Deus. Corpo é a pessoa toda em sua corporeidade, particularmente como lugar da comunicação, em sua relação aos outros e na possibilidade de se doar e entregar.

Notemos ainda que o nome próprio do Espírito no Antigo Testamento, *ruach*, tem uma conotação de dinamismo: vento, hálito, sopro. E quando se descreve a presença e ação do Espírito, sobretudo nos livros mais antigos da Bíblia, ele aparece como poder de Deus dinâmico, por exemplo em êxtase, com os sintomas conhecidos de convulsão, respiração aflita, raiva violenta ou uma agitação intensa (cf. ISm 10,6s; 19,20-24). Também, no Novo Testamento, observamos o poder dinâmico do Espírito de Deus